SEMPRE PRONTO

PORTE PAGO

ANO XLI
Número 484
Abril/1986

Mensário — Órgão oficial da Associação dos Escoteiros de Portugal
Travessa das Galeotas, nº 1 - 1300 LISBOA

Avulso: 40$00

EDITORIAL

No dia 23 de Abril celebra-se a festa litúrgica de S. Jorge. Esta evocação faz ressaltar, de imediato, à nossa memória a figura do cavaleiro que combate e vence o dragão, montado no seu ginete. E é precisamente por isso que ele está associado ao Escotismo, como símbolo de vitória.

Talvez a história de S. Jorge, como tem sido contada, nos faça rir ou assumir uma atitude superior de quem não acredita em dragões, essas figuras de réptil gigante que lança fogo pela boca, numa acção destruidora.

No entanto, como símbolo que é, deve ser por nós encarada como um aviso sobre a nossa situação concreta perante a vida. Quem não sabe o que são dificuldades? Quem não teve já que lutar contra «dragões» — choque de gerações e de culturas; dificuldades na obtenção do mínimo de conforto a que todos têm direito; dificuldades de progressão nos estudos ou na situação profissional; tantas vezes temos que dominar a nossa vontade perante situações de injustiça criadas por má vontade, ignorância ou estupidez alheias... Quantas vezes é devorador o fogo que emana desses dragões!

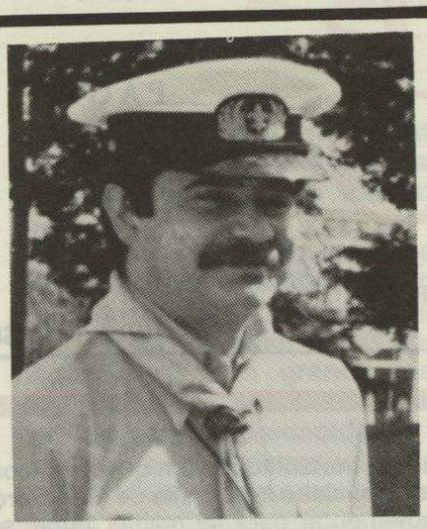
E a luta é ainda agravada pela situação de instabilidade em que se encontra o cavaleiro. Necessita de um esforço suplementar para se manter firme, seguro e equilibrado sobre a montada. De igual modo, a nossa posição perante as dificuldades que a vida e as pessoas nos criam é, muitas vezes, insegura e facilmente abalável.

No entanto, como S. Jorge venceu o seu dragão, também nós temos possibilidades de vencer os nossos. Como? Basta que saibamos pôr em prática, com seriedade e determinação, a Lei do Escoteiro no seu todo, e pautar a nossa vida pelo Compromisso de Honra que um dia fizemos.

N.P.H.



DISCUTIU-SE EM PORTUGAL O FUTURO DO ESCOTISMO E GUIDISMO NA EUROPA



CHEFE NACIONAL EM ESPANHA

O Escoteiro Chefe Nacional da AEP, Eng.º Rui Fonseca, foi um dos convidados oficiais ao lançamento do segundo centro de actividades escotista da região europeia.

O centro escotista de actividades náuticas, Peniscola, tem 114 hectares e cerca de dois quilómetros de costa e fica situado na província espanhola de Valência.

Ao lançamento oficial, que constou da plantação de sete árvores, assistiram ainda membros do comité mundial e europeu, dirigentes do escotismo americano e vários membros do governo espanhol.

A construção deste novo centro europeu de actividades conta com o financiamento da Fundação Mac Intoch.

A SALIENTAR NESTA EDIÇÃO

- Fogo de Conselho em entrevista *pág. 3*
- Portugal acolhe Conferência Europeia *pág. 6/7*
- Concurso de fotografia *pág. 8*
- A aventura da espeleologia *pág. 9*
- Director do FAOJ no PNEC *pág. 11*

ERA UMA VEZ...

Quem não terá uma história engraçada para contar?

Todos nós, na nossa vida de escoteiros, vamos passando por uma série de acontecimentos, que por uma razão ou outra, se tornam mais tarde em engraçadas histórias para contar.

A nossa proposta é deixarmos este espaço «Era uma vez...» para as histórias que nos quiserem contar.

O Águia Real, EC Couto, deu o pontapé de saída com uma história sua, que parece mentira mas foi verdade.

Que venha a próxima, para contarmos.

EU E OS ESCOCESES

Foi em 1957 que o Grupo n.º 1 de Glasgow visitou a cidade do Porto e, eu fui encarregado de lhes servir de cicerone.

Por amável ajuda do então Governador Civil, conseguiu-se que aqueles escoteiros fossem alojados num pavilhão do regimento de Infantaria 18, nesta cidade.

Fui recebê-los à entrada da cidade, pois eles viajavam num autocarro. Eram 32 elementos acompanhados pelos seus dirigentes. Todos vinham uniformizados à escocesa, com os seus **Kiltes** e bolsas dependuradas a cobrir-lhes o ventre.

Posso afirmar que fizeram sucesso, nas ruas por onde passavam. Todas as pessoas os olhavam, ao ver aqueles jovens com os seus saiotes, a sua garridice, e eu, por minha vez também sentia uma certa euforia ao acompanhá-los.

Logo de manhã, chegava ao quartel onde estavam alojados e via-os a tomarem banho, alegres e satisfeitos. Logo após terem tomado o pequeno almoço, seguíamos até às Caves do Vinho do Porto, onde eles não deixavam por mãos alheias o seu paladar.

Visitámos também os demais pontos turísticos, não só da cidade como dos arredores.

Já quase a findar os oito dias da sua visita à nossa cidade, o Chefe Nuir, disse-me: — É possível ir tomar banho ao mar? Logo lhe disse que não havia nada mais fácil.

E, assim, tomámos um eléctrico e dirigimo-nos à Praia do Molhe, ali na Foz.

Estava uma manhã quente e eu também não me fiz rogado, e tal como eles mergulhei nas soltas ondas. Tinha ultrapassado as barreiras da etiqueta cerimoniosa e diplomática. Era o que se costuma dizer, tu cá-tu lá, com todos aqueles escoceses.

Depois daquele banho, tomámos o eléctrico 17, a caminho da Praça da Batalha, onde nos serviriam o almoço.

Com os trinta e tantos jovens, o eléctrico ficou quase repleto. A custo conseguimos que alguns se sentassem. Nisto encontrei um amigo de longa data, que me perguntou:

— Quem são estes rapazes?

— Então não vês! São escoteiros escoceses.

— Ah! Mas por baixo desses saiotes eles trazem cuecas ou não? Já ouvi dizer que não!

— Claro que trazem cuecas — disse eu, e sem mais, levantei o **Kilt** do rapaz que ia ao meu lado e disse:

— Vês!.... Não é que ele não trazia mesmo cuecas! O rapaz pôs logo as mãos na frente em atitude púdica e ficou vermelho como um pimento. Eu fiquei naturalmente pálido e a desfazer-me em desculpas, enquanto o meu amigo e outros passageiros se riam desalmadamente.

Enquanto apresentava desculpas, o jovem dizia-me que tinha tomado banho com as cuecas e que estas se encontravam molhadas na sua bolsa. É que eu, quando os ia buscar ao quartel, via-os vestir e sabia que usavam cuecas.

Esqueci-me que eu próprio também tinha tomado banho com as minhas, por surpresa, ter sido convidado para o tal banho no mar e, as minhas estavam ali embrulhadas num papel já húmido e penduradas na minha mão esquecida.

Jamais esquecerei essa minha falta de cortesia.

Águia Real

SEMPRE PRONTO

Propriedade dos Escoteiros de Portugal

Director: Dr. Nélson Pinto Horta
Chefe de Redacção: Ricardo Coimbra
Colaboradores:
Paulo Marques
Ana Noronha
Carlos Namorado
Augusto Marreiros
Rogério Castro – **Ilustrações**
Rui Cunha – **coordenação gráfica**
Administração: João Madeira
Redacção e Administração: Travessa das Galeotas, 1 (à Junqueira) 1300 Lisboa
Telefone: 639339
Composição: GRAFICERTA – Artes Gráficas Lda. Lisboa
Impressão: FOTOGRAVURA CORTE REAL Odivelas
Assinatura Anual:
Ordinária – Esc.: 480$00
De patrocínio – Esc.: 750$00
Despesas de cobrança – Esc.: 100$00
Espanha e países de África de expressão portuguesa Esc.: 550$00
Outros países: Esc.: 900$00 (U.S. $5,50)

FOGO DO CONSELHO É FRATERNIDADE

Entrevista: *Ricardo Coimbra*

Entre mim, e o entrevistado do «Sempre Pronto» houve sempre um elo de ligação: o Fogo de Conselho.

Lembro-me que um Fogo seu, tinha cor, brilho, ritmo, reflexão, e acima de tudo era uma grande festa, onde sentiamos a dimensão fascinante do fogo que crepitava.

Com ele aprendi a dar os primeiros passos, na aventura que é animar um Fogo de Conselho.

O Fogo de Conselho, visto por dentro e por fora, é o tema desta entrevista, com o autor do livro «Fogo de Conselho»: EC Armando Inácio.

Uma certeza me resta: no parco campo editorial escotista, o livro «Fogo do Conselho», é um importante documento histórico e pedagógico que nos ajudará a compreender a magia que encerra um Fogo de Conselho.

P — Qual o objectivo da publicação do teu livro «Fogo de Conselho?

A.I. — Antes do mais, e depois do meu silêncio de vários anos nestas colunas, começo por saudar os novos dirigentes do «novo» «Sempre Pronto». Finalmente o jornal ressurgiu com espírito franco e conteúdo jovem, faço votos para que de facto o Escotismo e a juventude ganhem com a mudança.

Sobre a pergunta o próprio livro dá a resposta: O Fogo de Conselho é a parcela da actividade escotista que mais agradável recordação imprime no espírito do jovem. Tudo ali está equacionado: camaradagem, confraternização, espírito de patrulha, participação do grupo, realização pessoal, a palavra educadora do Chefe, isto tudo acompanhado pelo fascínio da fogueira, da alegria, da música, da noite calmosa ou fresca, luarenta ou escura.

O espírito escotista que esta actividade gera deve ser convenientemente resguardado e daí o objectivo do livro.

P — Achas que o objectivo foi alcançado?

A.I. — Sem dúvida, dado o êxito que despertou não só na nossa associação, como no CNE e nas Guias de Portugal.

Ainda em Novembro passado fui convidado pela região de Lisboa do CNE para falar, num curso de escoteiros-séniores, sobre o fogo de conselho e isto depois de ter sido salientado aos numerosos jovens presentes o valor do livro.

Também a União dos Escoteiros do Brasil solicitou autorização para publicação de partes do livro «já que são de grande interesse para o Escotismo brasileiro . . .»

P — Resume numa palavra o que é o Fogo de Conselho?

A.I. — Fraternidade

OS ESCOTEIROS DEVEM SER INCENTIVADOS A PARTICIPAR



P — Achas que o F.C. se está a afastar da sua linha tradicional?

A.I. — Creio que a linha tradicional se mantém, embora em muitos casos exista uma completa ruptura (e não é só a nível do F.C.) devido ao completo desconhecimento do que são actividades escotistas — por isso a razão do grupo 94 ter editado o livro.

O F.C. é uma tarefa técnica e como tal está sujeita a evolução, mas isso não significa afastamento daquilo que B.P. transmitiu.

A tradição, contudo, está implementada no pequeno F.C. do grupo, após o dia de actividade.

Os grandes F.C. são um pouco diferentes: praticamente traduzem-se num espectáculo e como tal deverão ser encarados com a totalidade da técnica que descrevemos no livro.

P — Que se deve fazer para se reviver o Fogo do Conselho?

A.I. — Os chefes devem terminar as tarefas diárias de acampamento realizando o fogo de conselho.

Os escoteiros devem ser incentivados a participar, apresentando números de teatro, poesia, danças populares, interpretações musicais, canções escotistas e tradicionais portuguesas, mas tudo isto deve primeiramente ser ensaiado na sede.

Por último os responsáveis associativos deveriam pensar na realização de um curso para animadores de fogos.

P — Qual o papel do F.C. na estrutura dum acampamento?

A.I. — No plano de acampamento a principal função do F.C. é estabelecer o espírito de reunião e consequentemente desenvolver a fraternidade entre os participantes.

O Chefe aproveita a ocasião para criticar a actividade decorrida e indica directivas para o dia seguinte.

Cânticos, representações, música, mais ou menos alegres ou calmos, eliminam o excesso de energia que não tenha sido dissipado durante o dia e predispõem o corpo para uma noite sossegada.

OS RESPONSÁVEIS ASSOCIATIVOS DEVERIAM PENSAR NA REALIZAÇÃO DE UM CURSO PARA ANIMADORES DE FOGOS DE CONSELHO

P — Como última pergunta: qual a importância pedagógica do F.C.

A.I. — Toda a actividade escotista é importante para a formação do jovem e o F.C. não foge a ela.

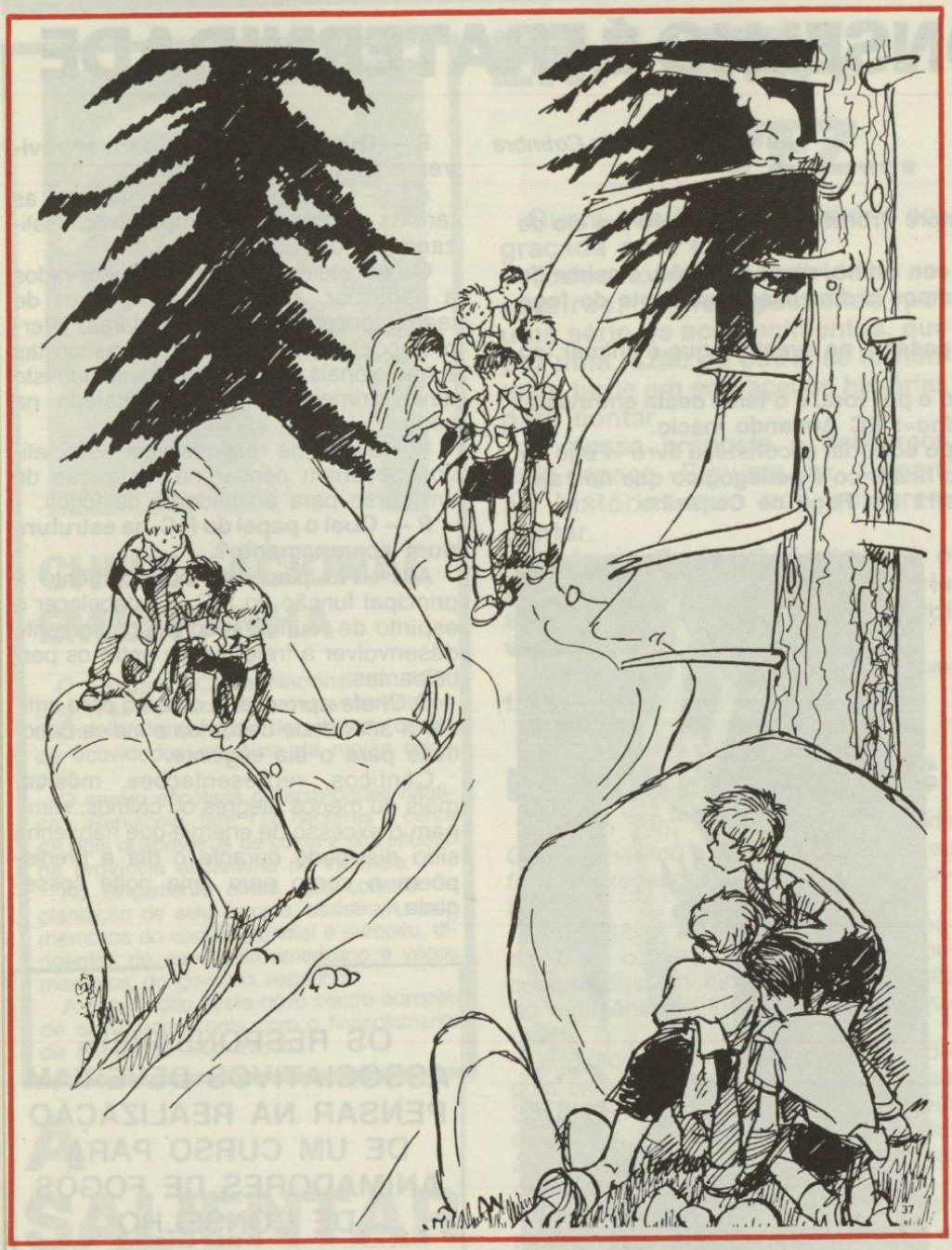
Temos assistido a situações que são de bradar aos céus e que pertencem ao campo antipedagógico: atitudes, partidas onde a água abunda, linguagem obscena ou menos própria, eu sei lá . . .

Não me venham dizer que os escoteiros têm que emparceirar com a grosseria de outros jovens ou adultos.

Nós temos uma forma de estar na vida, de participar e por isso cabe ao chefe estar atento ao cumprimento das normas escoteiras.

Não são os escoteiros os culpados das incorrecções que temos assistido, mas sim os dirigentes que pura e simplesmente se alheiam de tudo o que os escoteiros fazem.

Assim não se faz escotismo.



O JOGO no escotismo nem sempre é fácil de entender!

Muitas vezes andamos todos à pancada não sabemos bem porquê!

Não é de certeza para ganhar grandes e valiosos prémios, porque quase sempre os vencedores só levam uma casquinha de árvore ou qualquer coisa do género.

Tudo nos leva a pensar que o jovem, no jogo disputa a vitória por uma questão de honra!



Há, contudo, jovens, senão quase todos, que gostam de ganhar não importando por vezes os meios que usa. É natural haver alguns «batoteiros» que desrespeitam as regras do jogo devido à ganância de ganhar.

É importante que cada Guia de Patrulha treine os seus escoteiros a enfrentar o JOGO com lealdade e respeito, mas isso tem de ser conseguido com calma e de uma forma discreta! Nunca grandes castigos ou grandes vergonhas. Apenas indo



preparando alguns jogos onde seja essencial a coesão e camaradagem entre todos . . .

Daí surgirá naturalmente o jogo de «pancadaria» onde todos se esfolam, mas ninguém é desleal. A partir daqui, meus amigos, o escotismo torna-se algo extraordinário: um grupo COESO, LEAL e indiscutivelmente UNIDO.

MOCHO REPÓRTER

JOGOS DA PATRULHA



A EQUIPE de caminheiros

Se bem que o regulamento diga que os caminheiros podem organizar-se em equipas de 4 a 8 elementos, verifica-se na prática que uma equipa deve ter no mínimo 5 elementos e que o ideal seria 6 elementos. Este reparo serve para não sermos tentados a fechar ou abrir muito as nossas equipas, e que irá mais tarde dificultar o seu trabalho e desenvolvimento.

Como formar uma equipa

A formação de uma equipa é algo de muito importante na vida do clã.

Deve ser um grupo de jovens que se conhecem e que sejam verdadeiros amigos, condição fundamental para resolver muitas dificuldades mais à frente.

Cada um dos membros deve aceitar as suas responsabilidades, progredir, alcançar êxito na vida e ajudar os outros a alcançar.

O desesnvolvimento da equipa depende das suas estruturas, dos seus conhecimentos técnicos e do seu espírito.

Estruturas

Um mínimo de organização (indispensável a qualquer realização), repartição das responsabilidades, de recursos, um livro de caixa, um orçamento, material.

Técnica

Uma equipa bem organizada que se limite só em ir ao campo estudar a natureza, já não é mau mas será também interessante dedicar-se à vela, espeleologia, montanhismo, ciclo-turismo, cinema, viagens ao estrangeiro, etc. Claro que para a realização destas actividades, feitas sempre sobre bases sólidas, será resultado de discussão prévia, para escolha daquelas que sejam do agrado da maioria e que a equipa se sinta satisfeita na sua realização, dos resultados e que contribua para o progresso de cada um.

Espírito

Terá que existir «espírito de grupo» (Outros dirão ambiente), pois é ele que domina tudo.

Ao princípio serão os mais dinâmicos que impõem à equipa, sem darem por isso, o estilo que será alegre e bem disposta ou vulgar e desalinhada,

ela será activa e decidida ou resignada e fatigada,

ela será um bloco ou decairá em lutas pessoais,

ela será aberta ou fechada,

sedentária, activa sem preconceitos entre rapazes e raparigas.

ela terá um ambiente anárquico ou um ambiente para todos.

Tudo depende do «Espírito» mas evidentemente que somente técnica e espírito sem estruturas, torna uma equipa simpática, mas desordenada e fica impossibilitada de ir muito longe.

Estrutura e técnica sem espírito é académico, anónimo e sem calor.

Estrutura e espírito sem técnica é vazio e sem bases realistas para grandes realizações.

A REUNIÃO DA EQUIPA

Uma reunião de equipa está longe de ter o aspecto das reuniões de patrulha que se reúnem para leitura de trechos morais ou aprendizagem de nós, pistas, etc.

O caminheiro tem na reunião de equipa a forma de se poder abrir livremente e sinceramente, dentro dum respeito pelas opiniões alheias e manter a ORDEM na discussão, não interrompendo quem estiver a falar.

Sendo um encontro periódico constituem para os caminheiros motivo para, fazendo-as render ao máximo, tirar delas todo o aproveitamento possível. Convém que a reunião tenha lugar durante a semana para deixar livre os fins-de-semana para actividades.

PISTA PARA REUNIÕES DE EQUIPA

As reuniões de caminheiros devem ser participativas, todos os elementos devem tomar parte activa nela, variadas e de franco convívio. Vamos dar um exemplo:

1 — Um pouco de espírito — Ensaio de canções acompanhada por guitarra ou outro instrumento, um jogo, audição de um disco, etc. (deve demorar alguns minutos)

2 — O C.E. dá informações relativas a actividades

3 — Parte espiritual — Se a presença de um assistente for possível ficará ao seu critério esta parte, caso não seja possível a sua presença convém sobre sua orientação a leitura das Sagradas Escrituras (ou outro livro Sagrado conforme a religião professada) ou leitura de livros sobre grandes cristãos ou outros credos.

4 — Até aqui tem a reunião mantido um aspecto fixo a partir daqui convém variar dando como exemplo:

Parte Técnica — Socorrismo, transmissões, orientação, etc.

Parte Cultural — Montagem de uma exposição por meios audiovisuais.

Parte Debate — Dar um tema que será discutido e debatido por todos não sendo obrigatório obter conclusões. (Temas a que os jovens normalmente não têm acesso)

Parte Surpresa — Visita por exemplo a uma família que viva em situação precária e necessite de ajuda (arranjos, reparações, etc.)

Parte Visita — Tem como objectivo uma informação do jovem sobre os problemas humanos. Uma prisão, um banco dum Hospital, uma esquadra de polícia, etc.

Para que a reunião seja eficaz deve existir o sentido de humildade quer na apresentação dos problemas, quer na análise e no encontro de soluções.

Não temos o direito de divulgar fora da equipa o que nela foi tratado. A discrição faz parte da vida do caminheiro.

FALCÃLO JUSTUS



PORTUGAL ACOLHEU CONFERÊNCIA EUROPEIA

Em Abril e em Portugal, discutiu-se durante uma semana o futuro da Região Europeia de Escotismo e Guidismo.

Esta 5.ª Conferência Europeia, conjunta, dos Escoteiros e Guias reuniu em Ofir, de 12 a 18 de Abril mais de 350 delegados e observadores dos dois movimentos, representando 24 países.

OS TEMAS DISCUTIDOS

No primeiro dia de trabalhos, durante a manhã, foi apresentado à conferência o relatório, conjunto, dos Presidentes dos Comités Europeus das Guias e dos Escoteiros, respectivamente Jeannine de Caumont e Jean-Luc de Paepe.

Durante a manhã ainda, a norte-americana Elisabeth Nelson, especialista em temas sociais, fez uma importante exposição sobre o tema central desta Conferência «Escoteiros e Guias face aos problemas actuais». Aquela especialista considerou necessário o investimento na criatividade, na imaginação e na divulgação das técnicas de informação, defendendo igualmente a redução das quarenta e cinco horas de trabalho para trinta horas, dando-se assim possibilidade ao homem de hoje de dedicar mais tempo ao lazer, numa perspectiva de humanização da sociedade.

A conferência, abordou ainda, durante a semana três outros grandes temas: «Evolução do papel do homem e da mulher», «Media e Relações Públicas» e «Escotismo e Guidismo para menores de oito anos». Sobre o primeiro tema a especialista Odile Bonte afirmou que, não é ainda possível aperceber-se uma mudança muito sensível no papel do homem e da mulher, mas antes uma evolução de mentalidades. Odile Bonte expôs ainda que apesar desta evolução, o comportamento humano continua a ser bastante tradicionalista, em áreas sensíveis como a família, a vida profissional ou a participação na tomada de decisões.

O tema «Media e Relações Públicas», permitiu sensibilizar os delegados e observadores para a importância desta matéria, afirmando a premência do escotismo e guidismo de promover e melhorar uma imagem de marca.



Laszlo Nagy, secretário-geral da Organização Mundial de Escotismo, durante a apresentação do tema: «Comparação dos centros de interesse e escalas de valores entre adultos e jovens».



Portugal durante as votações finais.

O terceiro tema «Escotismo para menores de oito anos», motivou uma interessante discussão, tendo muitas associações recorrido aos meios audiovisuais durante as suas exposições.

Interessantes exposições, sobre a saúde da criança no Mundo e o papel do escotismo e guidismo na sua promoção, os centros de interesse e escalas de valores entre adultos e jovens, a situação da Fundação Mundial do Escotismo e o Jamboree/87 na Austrália, foram expostas por personalidades internacionais como, Laszlo Nagy, Secretário-Geral da Organização Mundial de Escotismo, Dr. Fritz Vollmar e Norman Jonhson, ambos membros do Comité Mundial.

OS GRUPOS DE TRABALHO

Parte dos trabalhos desta assembleia europeia foi ainda ocupada pela análise dos seis grupos de trabalho europeus: Formação; Relações Paneuropeias; Dimensão Espiritual; Desenvolvimento Comunitário; Adolescentes; e Instituições Europeias.

ELEIÇÕES

No tocante à eleição dos novos comités europeus dos escoteiros e das guias, o português, João Paulo Feijoo do CNE proposto pela Federação Escotista Portuguesa, falhou a sua eleição tendo sido eleito o candidato proposto pela Associação Italiana. O Comité Europeu de Escotismo eleito, integra dirigentes do Luxemburgo, Alemanha, Itália, França, Grã-Bretanha e Chipre. A presidência para o triénio 86/89 cabe ao dirigente Michael Beach da Grã-Bretanha.

CULTURA PORTUGUESA

No meio de tanto relatório, discussão e eleições, a cultura portuguesa marcou também presença de diversas formas. Aos delegados e observadores foi oferecido um vasto programa social e cultural em que destacamos visitas ao Porto, Viana do Castelo e Guimarães, danças e cantares de grupos folclóricos durante o jantar, um arraial minhoto e até um recital de piano por um jovem de 10 anos de idade.

Como apoio à conferência, foi formado um grupo de escoteiros e guias pertencentes ao CNE, AEP e AGP. Este Grupo, que ficou conhecido pelo «grupo dos 21», foi um verdadeiro embaixador das diferentes regiões portuguesas, pois os seus elementos vieram de todos os distritos do Continente, Madeira e Açores. Este grupo foi ainda um verdadeiro exemplo de trabalho e cooperação, pois em cada ponto desta conferência estava sempre um dos «21» pronto a colaborar, ora distribuindo bolachas e chá no intervalo de sessões ora de guitarra e acordeão afinados para animar mais um serão.

AS CONCLUSÕES

Os debates que se centraram fundamentalmente sobre os três grandes temas da conferência e análise dos relatórios dos grupos de trabalho europeus, proporcionaram o aparecimento de diversas recomendações a serem desenvolvidas pelos comités europeus de escoteiros e guias. Dentro destas destacam-se como importantes as que se referem ao relacionamento homem-mulher, aos problemas dos adolescentes, aos problemas da Paz, à imagem de marca públicas do escotismo e do guidismo, às questões do ambiente e qualidade de vida, e ao desemprego juvenil.

Em relação ao plano a longo prazo, a conferência apontou alguns objectivos de que salientamos: aumento do número de efectivos de cada país; melhoria das infra-estruturas das associações nacionais; reforço da dimensão espiritual; promoção da Paz e compreensão internacionais; e desenvolvimento do sistema de cooperação a nível europeu.

Na festa de encerramento a que esteve presente o presidente da Câmara Municipal de Esposende, foi divulgado que Chipre acolheria em 1989 a próxima Conferência Europeia de Guias e Escoteiros.

No final, foi ainda oferecido aos delegados e observadores um magnífico espectáculo de fogo de artifício.

A PRÓXIMA CONFERÊNCIA EM CHIPRE 1989



Um aspecto da sala de plenário.



O grupo dos «21» em actuação. Este grupo integrava 7 escoteiros da AEP.



Os novos Comités Europeus das Guias e dos Escoteiros.

PAZ MUNDIAL

A 12.ª Conferência Europeia constata com grande preocupação as crescentes tensões entre as nações do Mundo.

Um dos princípios fundamentais do escotismo e do guidismo é a promoção da PAZ e da compreensão graças à educação internacional.

Esta Conferência, como órgão representativo do escotismo e guidismo na Europa, reafirma fortemente o seu empenhamento a favor destes ideais, e pede a todos os escoteiros e guias do Mundo a se empenharem na promoção duma melhor compreensão entre os povos de todas as Nações com os quais partilhamos este belo planeta: a Terra.

Resolução aprovada por unanimidade pelos cerca de 350 delegados de 24 países europeus, em representação de mais de 5 milhões de jovens.

I CONCURSO DE FOTOGRAFIA "JORNAL SEMPRE PRONTO"

REGULAMENTO

1 — O concurso denomina-se «1.º Concurso Fotográfico — Jornal Sempre Pronto» e é aberto a todos os associados na Associação dos Escoteiros de Portugal, membros da Fraternal dos Antigos Escoteiros, leitores do Sempre Pronto e amigos do movimento escotista.

2 — O Concurso é composto de dois temas:
Tema 1 — Escotismo: a força da aventura
secção A — preto e branco
secção B — cor
Tema 2 — Escotismo um caminho para a Paz
secção A — preto e branco
secção B — cor

3 — A participação dos concorrentes está limitada ao envio máximo de 4 provas por secção, as quais deverão ter as dimensões compreendidas entre 18 × 24 e 30 × 40.

4 — As provas deverão indicar no verso, e em letra legível, o tema, título e o nome e morada do concorrente.

5 — A participação está condicionada ao pagamento de uma taxa única de 100 esc.

6 — Os trabalhos, assim como o boletim de inscrição, deverão ser enviados para:
ASSOCIAÇÃO DOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL
JORNAL SEMPRE PRONTO
Tr. das Galeotas, 1 — 1300 Lisboa

7 — Qualquer informação deverá ser solicitada ao Jornal Sempre Pronto para a morada indicada, ou pelo telefone 63 93 39 em horário normal de expediente.

8 — A organização reserva o direito de reproduzir em catálogo ou na comunicação social todos os trabalhos cujo o nível técnico e artístico o justifique.

9 — O júri será composto por um representante do Jornal Sempre Pronto, um representante da Associação Portuguesa de Arte Fotográfica e um representante das estruturas nacionais da AEP.

10 — Os prémios a atribuir serão os seguintes:
Tema 1 — Secção A — 1.º Prémio AGFA (2.500$00 em material fotográfico) + Prémio Jornal «Sempre Pronto» + Uma Placa comemorativa + Prémio APAF (Curso de Fotografia)
2.º Prémio AGFA (1.500$00 em material fotográfico) + Prémio Jornal «Sempre Pronto»
3.º Prémio AGFA (1.000$00 em material fotográfico) + Prémio Jornal «Sempre Pronto»

Secção B — 1.º Prémio Agfa (2.500$00 em material fotográfico) + Prémio Jornal «Sempre Pronto» + Uma Placa comemorativa
2.º Prémio AGFA (1.500$00 em material fotográfico) + Prémio Jornal «Sempre Pronto»
3.º Prémio AGFA (1.000$00 em material fotográfico) + Prémio Jornal «Sempre Pronto»

Tema 2 — Secção A — 1.º Prémio AGFA (2.500$00 em material fotográfico) + Prémio Jornal «Sempre Pronto» + Uma Placa comemorativa + Prémio APAF (Curso de Fotografia)
2.º Prémio AGFA (1.500$00 em material fotográfico) + Prémio Jornal «Sempre Pronto»
3.º Prémio AGFA (1.000$00 em material fotográfico)

Secção B — 1.º Prémio AGFA (2.500$00 em material fotográfico) + Prémio Jornal «Sempre Pronto» + Uma Placa comemorativa
2.º Prémio AGFA (1.500$00 em material fotográfico) + Prémio Jornal «Sempre Pronto»
3.º Prémio AGFA (1.000$00 em material fotográfico) + Prémio Jornal «Sempre Pronto»

— Todos os concorrentes receberão um diploma de participação.
— Para o concorrente mais jovem — Prémio Jornal «Sempre Pronto».
— Para o concorrente mais jovem premiado — Prémio «Aventura»

11 — Todos os trabalhos serão devolvidos na data prevista, tendo a organização o máximo cuidado na conservação dos mesmos quando em seu poder. Declina no entanto toda a responsabilidade por dano ou extravio praticado por quaisquer outras entidades.

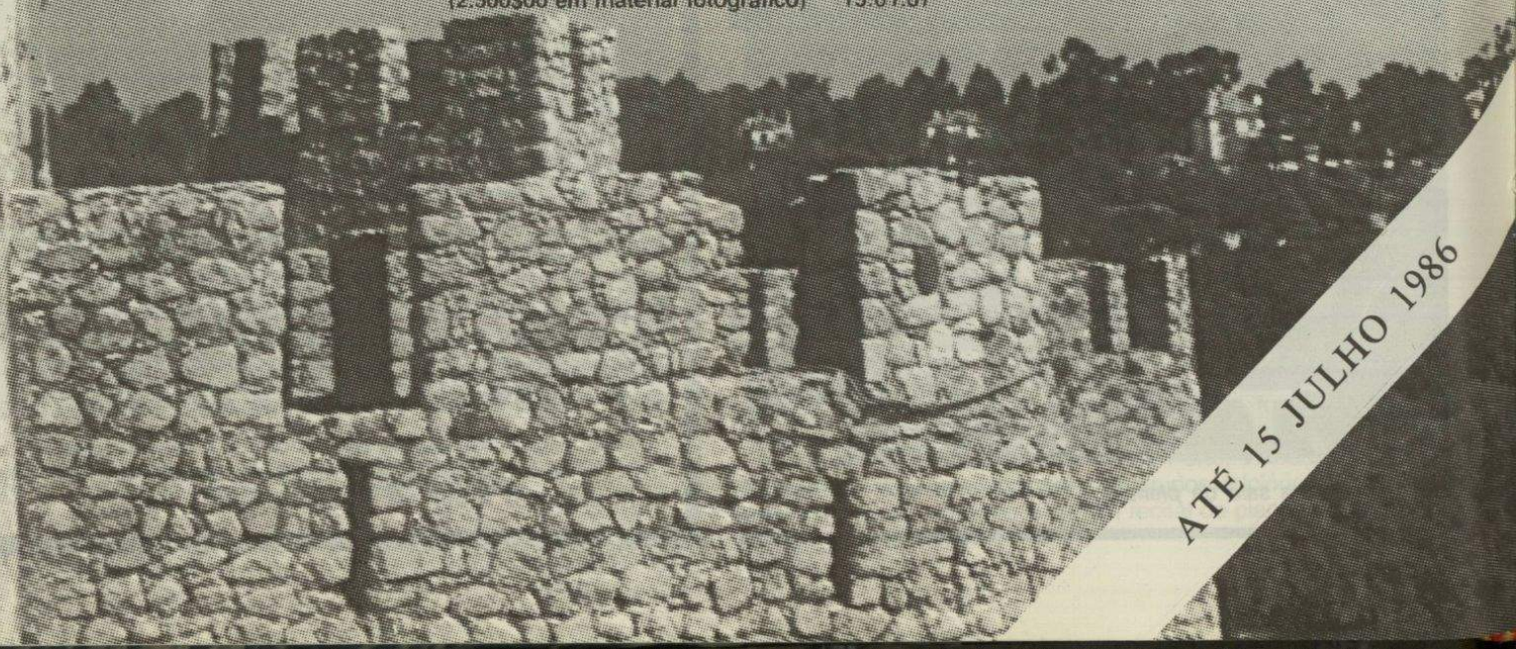
12 — A resolução dos casos omissos no regulamento será da responsabilidade da organização.

13 — A participação neste concurso implica a aceitação integral do presente regulamento.

CALENDÁRIO

Data limite de entrega — 15.07.86
Reunião do Júri — 19.07.86
Publicação dos resultados — durante o XVII ACNAC
Período das exposições — 04.08.86 a 31.12.86
Devolução dos trabalhos recusados — a partir de 15.07.86
Devolução dos trabalhos expostos — a partir de 15.01.87





ATÉ 15 JULHO 1986

EXPLORAÇÕES SUBTERRÂNEAS ESCOTISTAS

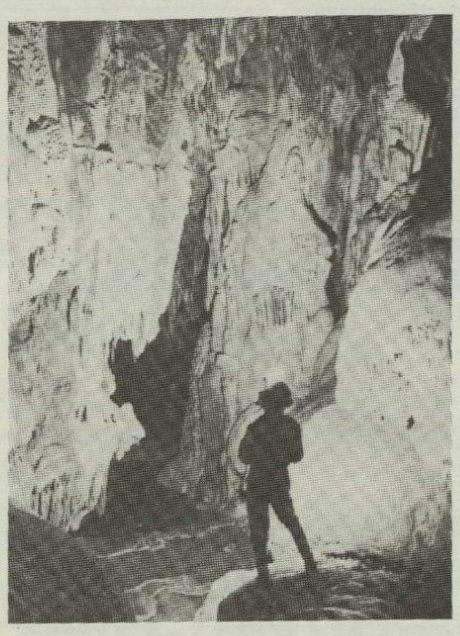
Para o escoteiro de acção, que anseia pela aventura e vibra com a exploração, em cada gruta há a emoção da descoberta dum obstáculo intransponível a vencer, dum mistério insolúvel a desvendar. Isto é a exploração subterrânea... Verifica tu mesmo...!

Embora existam cavidades naturais no globo terrestre desde há milhões de anos, só há pouco mais de um século é que o Homem se decidiu a conquistá-las através de actividades de carácter desportivo ou científico — surgiu então a Espeleologia.

O espeleólogo é, antes de tudo, um explorador atraído pela descoberta do desconhecido e pela beleza das grutas subterrâneas, mas a prática desta actividade exige o conhecimento de algumas noções seguras.

REGRAS PRÁTICAS

- A primeira norma a seguir para explorar um subterrâneo natural ou artificial é nunca o fazer sozinho. O guia da patrulha ou equipa deve proceder à exploração em conjunto com um mínimo de dois escoteiros. No caso de suceder algum problema com um dos elementos, enquanto outro fica junto dele, o terceiro irá pedir auxílio.
- Inscrever-se num clube de Espeleologia, o que permitirá contar sempre com companheiros experientes.
- Fornecer a um escoteiro que não participe na expedição espeleológica todos os pormenores do plano de exploração: número de participantes, destino a que se pretende chegar e, especialmente, quando e onde se espera sair. Fica assim assegurado o envio de socorros no caso do grupo explorador não aparecer no local e à hora indicados.
- Certificar que todos estão em boas condições físicas e reconhecer as suas limitações. Não explorar uma caverna desconhecida se se suspeita que essa exploração implica riscos para os quais não se está preparado.
- A exploração subterrânea pode, por vezes, assemelhar-se à escalada de montanhas e, como tal, está-se mais bem preparado se se possuir experiência e algum material de montanhismo.
- Uma ideia a seguir é proteger a cabeça com um capacete do tipo usado pelos mineiros. A indumentária adequada inclui também vestuário justo para que não se rasgue quando se esgueirar por passagens estreitas.
- Explorar a gruta sempre na companhia de alguém experiente e que a conheça bem.
- Levar um mapa do subterrâneo, se houver. Caso esta medida se revele inviável, deve-se então fazer um esboço do percurso do caminho que se vai explorando. Registar pontos de referência olhando para trás, pois será assim que os veremos se se regressar pelo mesmo caminho da ida. Como medida de precaução extra levar uma quantidade de pequenos fragmentos de metal brilhante (alumínio, por exemplo), os quais se poderão utilizar para assinalar o caminho, retirando-os quando se sair da gruta.
- Nunca iniciar uma descida sem ter a certeza de que se é capaz de realizar a escalada em sentido inverso, e não se esgueirar por passagens estreitas ao ponto de não se poder voltar a sair.
- Nunca explorar uma gruta com chão pantanoso ou em terreno baixo se estiver a chover, pois pode não haver saída duma gruta inundada. Se houver possibilidades de chover deve-se deixar um escoteiro há entrada da gruta com a função de observar as condições climatéricas, para avisar o grupo explorador em caso de chuva forte.



EQUIPAMENTO NECESSÁRIO

Para explorar uma cavidade subterrânea sem paredes rochosas de elevado grau de dificuldade, como são os casos das grutas mais comuns, é necessário no mínimo o seguinte material:

Colectivo
- — escada de corda ou de alumínio
- — cabo de escalada (80 mts.) capaz de suportar, no mínimo 1.200 quilos
- — cabos de vários tamanhos
- — mosquetões de montagens, sem segurança
- — mapa subterrâneo
- — pitons
- — martelo (piolet)
- — bloqueador
- — lampião
- — estojo de primeiros socorros

Os mosquetões e os cabos devem ser de espeleologia ou de montanhismo, no entanto cabos de nylon remedeiam. Cabos de sisal ou de algodão apresentam numerosos inconvenientes. Não devem usar cabos cuja força de choque desconheçam.

Individual
- — capacete
- — mochila
- — lanterna
- — luz de socorro
- — velas (luz durante paragens)
- — fósforos à prova de água
- — fita de sangle (cinto de segurança, dos automóveis com cerca de 7 mts. com o qual se fará o baudrier e arnês de peito «cadeirinha»)
- — mosquetão com segurança
- — botas de sola aderente
- — roupa resistente e justa
- — bloco de notas e lápis

A exploração prolongada de grutas exige, para além do material já indicado, um saco de cama, uma abundante reserva de água em cantis, fogão e uma alimentação facilmente digerível e de alto valor energético.

PERIGOS

Segundo afirmam os exploradores de grutas, os maiores perigos existentes debaixo de terra não são resultantes de acidentes naturais, mas de deficiência de equipamento e de negligência por parte dos próprios exploradores. Portanto podemos dividir os perigos em dois tipos principais:

- PERIGOS OBJECTIVOS — pedras soltas, fissuras nas paredes que possam provocar desabamentos, etc. Estes são os perigos que dependem do acaso e, como tal, não são controláveis. No entanto, não é necessário preocuparmo-nos excessivamente com eles, pois a probabilidade de acontecerem acidentes naturais é mínima.
- PERIGOS SUBJECTIVOS — medo, nervosismo, ansiedade. Este tipo de perigos são normalmente causados pela imprudência, falta de segurança e falta de material adequado e, como tal, são perigos que podemos tentar controlar desde que estejamos convenientemente preparados para a exploração espeleológica. Não esquecer portanto que, debaixo de terra, a regra de ouro é manter a calma e o bom senso. Sempre!

TU E A EXPLORAÇÃO SUBTERRÂNEA

Deixando agora para trás os cuidados que devemos ter na exploração subterrânea, chegou a altura de saber alguma coisa sobre as grutas e os cuidados a ter para com elas.

A forma das cavernas e grutas não está ligada apenas à natureza da rocha — é principalmente a partir das rochas calcárias que elas se formam — mas também às condições atmosféricas circundantes.

A beleza agreste duma caverna é por vezes entrecortada por estalactites (formações de forma cónica pendentes do tecto da gruta) e estalagmites (formações de forma cónica que ascendem a partir do chão da gruta), que são o resultado da sedimentação de minerais dissolvidos na água que, pinga do tecto. Ao explorares uma gruta deves ter o cuidado de nunca quebrar nenhuma destas formações geológicas, pois deves sempre lembrar-te de que estas maravilhas da natureza crescem com uma velocidade média de apenas um centímetro por século.

No respeitante aos animais que formam o ecossistema da gruta, tenta observá-los perturbando-os no mínimo possível e, com sorte, poderás ver: uma grande variedade de insectos habitando raízes de árvores que penetraram até aquelas profundidades; pássaros que constroem ninho à entrada da gruta; rãs que chapinham em poças de água; morcegos adormecidos pendurados do tecto, bem como outros possíveis animais.

Dado que a exploração de grutas é uma actividade de natureza ecológica, convém não ter apenas cuidado com a gruta e os seus animais, mas também não poluir o seu ambiente. Deste modo, convém trazer sempre os lixos de volta para o exterior e, se és dos escoteiros que insiste no hábito pouco saudável de fumar, é bom que não o faças dentro duma gruta, não só para não poluires o ambiente, como também para salvaguardares o oxigénio que te é precioso. Certo?

Em conclusão, apesar de a maioria das grutas descobertas à superfície terrestre já se encontrarem bem exploradas, continua a ser muito estimulante para nós, escoteiros, explorar pelos nossos próprios meios áreas onde poucos chegaram e onde a natureza se mantém relativamente intocada. Verifica tu mesmo...!

Paulo Marques
Equipa D. Nuno Álvares Pereira do Grupo 23 de Queluz

ESTREMADURA



OPERAÇÃO FONTEIREIRA EM EXECUÇÃO

Em tempos, há muitas centenas ou milhares de anos atrás, as florestas naturais dominadas por carvalhos revestiam extensas áreas do nosso país.

Hoje em dia, são raros e de dimensões reduzidas os núcleos que ainda persistem destas florestas de carvalhos, apresentando-se frequentemente muito degradadas, com o sub-bosque muitas vezes destruído, profundamente alterado ou inexistente, o arvoredo desbastado e com muitas falhas — este é o caso da mata de Carvalhos da Quinta da Fonteireira, em Belas.

Foi precisamente aqui que a Liga para a Protecção da Natureza e a Região Estremadura da AEP desencadearam a Operação Fonteireira, que teve início no Dia Mundial da Floresta, 21 de Março.

Os cerca de 60 escoteiros presentes em regime não-permanente, trabalharam durante 3 dias para assegurar várias medidas importantes à preservação da floresta como a plantação de uma centena de novos carvalhos e sobreiros, desvio de cursos de água das chuvas para zonas onde a sua erosão não atinja árvores, construção duma cerca e duma escada de troncos para proteger o bosque da invasão por muitas pessoas que aí passeiam.

Esta iniciativa, em que estiveram presentes escoteiros dos grupos 115 de S. Marcos, 62 da Amadora, 128 de Albarraque, 122 de Mira-Sintra e 23 de Queluz, demonstra bem a dinâmica que a Chefia Regional está a saber imprimir às actividades da Região Estremadura.

Mas muito ainda ficou por fazer e, como tal, a Operação Fonteireira continua em execução! Para que os escoteiros possam continuar a acampar numa mata ecologicamente privilegiada, o Clã do 23 de Queluz e a Chefia Regional ficaram encarregues de coordenar futuras acções de protecção desta aprazível mata de carvalhos.

SETÚBAL

NOVO GRUPO DA AEP

No passado dia 6 de Abril procedeu-se à inauguração de mais uma unidade escotista da A.E.P. O novo grupo de escoteiros recebeu o n.º 125 e funciona na localidade de Paivas na região de Setúbal.

Este grupo pertencente à Comunidade Ismaelita integra cerca de 150 escoteiros.

À cerimónia de inauguração esteve presente o Escoteiro Chefe Nacional Eng. Rui Fonseca e um grande número de membros da comunidade ismaelita.

Com este novo grupo, reforça-se o espírito interconfessional da Associação dos Escoteiros de Portugal.

PORTO

EXPOSIÇÃO ESCOTISTA E GUIDISTA NO PORTO

Retribuindo a forte canhota que foi enviada à nova equipa de redacção do «Sempre Pronto», aqui deixamos a notícia que nos foi enviada pelo correspondente do jornal na cidade do Porto:

Numa organização dos Escoteiros e Guias de Cristo-Rei (paróquia da cidade do Porto) esteve patente num anexo ao convento com o mesmo nome uma exposição escotista e guidista. Decorreu nos passados dias 26 e 27 de Janeiro e teve a presença, para além de muitos escoteiros e guias, de numerosa população.

A organização pertenceu ao Grupo 33 da AEP e à Companhia da AGP ali existente, sendo de salientar a presença duma equipa de reportagem do jornal «Primeiro de Janeiro», que publicou uma notícia ilustrada com fotografia desta exposição.

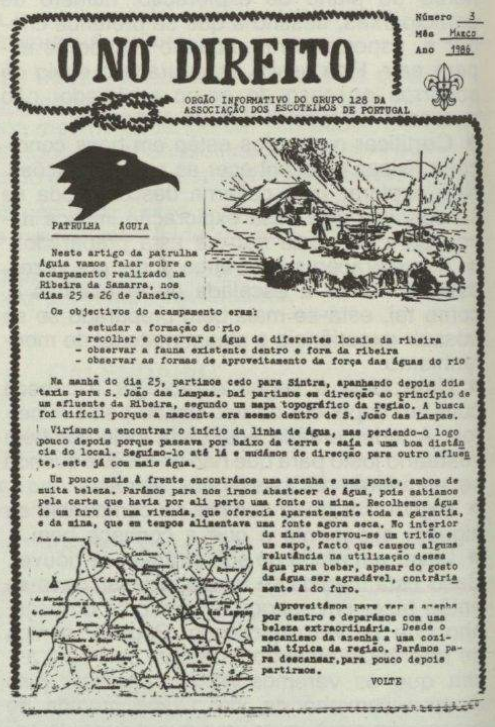
ÚLTIMAS NOTÍCIAS DO DIA DO PENSAMENTO

Com a finalidade de ser comemorada condignamente a efeméride, a Região do Porto levou a efeito no passado dia 23 de Fevereiro uma concentração junto do Monumento aos Mortos da Grande Guerra, em que todos os grupos da região se fizeram representar, apesar da chuva torrencial.

À cerimónia estiveram presentes cerca de 150 escoteiros além da Chefia Nacional da Zona Norte, bem como a Chefia Regional.

Em representação da Chefia Regional, usou da palavra o EC José Marta, o qual fez um historial alusivo ao acto, tendo sido no final depositado um ramo de flores no monumento.

Seguidamente, os escoteiros seguiram para a delegação da ACM naquela cidade, onde foi feita uma tarde cultural escotista que durou até às 17 horas, tendo terminado com a distribuição de diplomas aos grupos presentes.



Número 3
Mês Março
Ano 1986

O NÓ DIREITO

ORGÃO INFORMATIVO DO GRUPO 128 DA ASSOCIAÇÃO DOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL

PATRULHA ÁGUIA

Neste artigo da patrulha Águia vamos falar sobre o acampamento realizado na Ribeira da Samarra, nos dias 25 e 26 de Janeiro.

Os objectivos do acampamento eram:

- estudar a formação do rio
- recolher e observar a água de diferentes locais da ribeira
- observar a fauna existente dentro e fora da ribeira
- observar as formas de aproveitamento da força das águas do rio

Na manhã do dia 25, partimos cedo para Sintra, apanhando depois dois taxis para S. João das Lampas. Daí partimos em direcção ao princípio de um afluente da Ribeira, segundo um mapa topográfico da região. A busca foi difícil porque a nascente era mesmo dentro de S. João das Lampas.

Viríamos a encontrar o início da linha de água, mas perdendo-o logo pouco depois porque passava por baixo da terra e saía a uma boa distância do local. Seguimo-lo até lá e mudámos de direcção para outro afluente, este já com mais água.

Um pouco mais à frente encontrámos uma azenha e uma ponte, ambos de muita beleza. Parámos para nos irmos abastecer de água, pois sabíamos pela carta que havia por ali perto uma fonte ou mina. Recolhemos água de um furo de uma vivenda, que oferecia aparentemente toda a garantia, e da mina, que em tempos alimentava uma fonte agora seca. No interior da mina observou-se um tritão e um sapo, facto que causou algumas relutâncias na utilização desse água para beber, apesar do gosto da água ser agradável, contrariamente à do furo.

Aproveitámos para ver a azenha por dentro e deparámos com uma beleza extraordinária. Desde o mecanismo da azenha a uma cozinha típica da região. Parámos para descansar, para pouco depois partirmos.

VOLTE

O JORNAL DO GRUPO 128 DE ALBARRAQUE

Chegou ao «Sempre Pronto» um exemplar do jornal «O NÓ DIREITO», o órgão informativo do Grupo 128 de Albarraque.

Este jornal, que já vai no seu terceiro número, inclui ilustrações e reportagens muito sugestivas.

A nossa equipa de redacção gostou deste trabalho e aqui ficam os nossos votos de encorajamento, para que as patrulhas do 128 continuem este trabalho com a dedicação que têm vindo a evidenciar.

SANTARÉM

15.º ACAMPAMENTO DA JUVENTUDE EM BENAVENTE

Integrado no programa de Ocupação dos Tempos Livres da Câmara Municipal de Benavente, decorreu o 15.º Acampamento da Juventude, entre 24 e 31 de Março, em Arneiro Pereiro.

Esta iniciativa, que já constitui uma tradição na zona, contou com a organização dos escoteiros do Grupo 66 de Benavente e reuniu jovens vindos do Seixal, Vila Franca de Xira, Samora Correia, Odivelas e Benavente.

Com a sua participação nesta iniciativa pretendeu o Grupo 66 de Benavente sensibilizar os jovens para a prática do Escotismo, tendo sabido demonstrar com a sua actuação que Juventude e Escotismo são bons amigos!



GRUPO 84 AVANÇA COM ACTIVIDADE PIONEIRA

O Grupo 84 do Entroncamento vai promover mais uma das suas actividades de interesse cívico, provando desta vez que está apto a prestar um serviço de grande valor humanitário.

Esta unidade escoteira vai promover, a 7 e 8 de Junho, um acampamento especialmente para deficientes, em colaboração com a delegação do Entroncamento da Associação Portuguesa de Deficientes.

Os deficientes são, de facto, cidadãos úteis que necessitam da oportunidade de serem integrados devidamente na comunidade e, como tal, aqui fica a saudação calorosa da nossa redacção para esta iniciativa pioneira lançada pelo nosso Grupo 84 que visa a integração de deficientes na unidade escotista.

Aqui fica também os nossos votos de que outros grupos saibam seguir as pegadas do 84 do Entroncamento, para que o Escotismo para deficientes não continue a ser apenas admirado nas associações escotistas estrangeiras.

EXPANSÃO NO ENTRONCAMENTO

O Grupo n.º 84 do Entroncamento, encontra-se a trabalhar num interessante projecto de expansão do movimento escotista na região do Entroncamento.

O projecto teve o seu lançamento num acampamento realizado de 21 a 23 de Março na Golegã com o apoio da Câmara Municipal.

Nesta iniciativa participaram cerca de cinquenta escoteiros, entre os quais a membros do Agrupamento 543 do CNE.

Este projecto de dois acampamentos, visa segundo o EC de Grupo Loureiro dar a conhecer o escotismo junto das camadas juvenis, através de um contacto entre escoteiros e população juvenil.

O 1.º Acampamento de Expansão, foi visitado oficialmente pelo Presidente da Câmara da Golegã e por muitos jovens daquela vila.

Vila Nova de Ourém acolherá o 2.º Acampamento de Expansão nos dias 17 e 18 de Maio, e tem como objectivo sensibilizar um grupo de jovens órfãos daquela vila a aderirem ao movimento escotista.

PORTALEGRE

ESCOTEIRAS VENCEM A CORRIDA DE S. SILVESTRE EM AVIS

O Grupo 130 de Avis destacou-se ultimamente pela sua participação em actividades distritais de carácter desportivo.

Numa tarde fria realizou-se em Avis, pelo terceiro ano consecutivo, a Corrida de S. Silvestre em que participaram centena e meia de atletas em representação de diversas colectividades dos distritos de Portalegre, Évora e Santarém.

De entre os vencedores desta corrida queremos destacar, na classe de juvenis femininos, a Ana Cristina, e na classe de júniores femininos, a Esmeralda Caldeira, ambas a representarem o Grupo de Escoteiros de Avis.

Aqui está um bom exemplo a seguir na prática de saudável desporto, inserido na actividade escotista dos grupos.

ANO INTERNACIONAL DA PAZ

A Direcção Nacional da AEP publicou esta vinheta comemorativa do Ano Internacional da Paz, evidenciando deste modo o espírito do Escotismo ao serviço da manutenção da Paz entre os povos.

A vinheta autocolante será distribuída pelos grupos e deve ser colada em todas as comunicações e correspondência das unidades escotistas para entidades oficiais.

DIRECTOR-GERAL DO FAOJ NO PNEC

O Director-Geral do Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis, Eng. Pedro Cebola, visitou no dia 18 de Março o Parque Nacional de Escotismo da Costa da Caparica. Durante a visita foi acompanhado pelo Presidente da Direcção, José Rafael Baudouin, pelo Chefe de Redacção do «Sempre Pronto», EC. Ricardo Coimbra e pelo EC. Manuel Coimbra, da Equipa de Parque.

A melhoria das capacidades do Parque, atendendo à crescente utilização do mesmo por parte dos jovens, foi um dos objectivos primordiais da visita. Durante cerca de duas horas, este membro do governo visitou em pormenor as instalações do Parque, tendo ocasião de verificar as obras de beneficiação que decorreram durante o ano passado.

O Eng. Pedro Cebola, manifestou no final da visita a sua sensibilização para a rentabilização do Parque, através da articulação dos esforços da Secretaria de Estado da Juventude e da Secretaria de Estado do Ambiente. Rentabilização que passaria numa primeira fase pela melhoria das instalações sanitárias e pela criação de infra-estruturas que possibilitassem uma melhor utilização durante o Inverno.

No términus deste encontro, o Presidente da Direcção Nacional, entregou ao director-geral do FAOJ, uma placa alusiva à visita.



MITO E REALIDADE

É vulgar as pessoas utilizarem a palavra MITO, na sua conversação normal, como sinónimo de mentira, falsidade, normalmente uma história absurda recheada de personagens fantásticas sem ligação à realidade concreta da vida. Esta visão é errónea e, como tal, transmite uma informação deturpada. Porque Mito é, na verdade, uma forma literária de transmitir uma verdade. Nem todos os seus elementos são históricos, mas isso não afecta a sua correspondência à realidade.

Uma coisa também é certa: não é tarefa fácil traduzir a mensagem veiculada pelo mito, para a linguagem usada no domínio da realidade. E por essa razão muitas vezes se adopta a posição mais simplista, dizendo: «isso é mentira». Isto deve levar-nos a perguntar: «o que é a mentira?» e ainda «o que é a realidade?».

As pessoas esquecem, ou desconhecem, que o mito não se refere às histórias fantásticas do classicismo antigo, somente. A realidade, o concreto do nosso viver actual tem, mantém e cria novos mitos e novos seres mitológicos. Podemos não acreditar nos mitos do Adamastor, de Sísifo, do suplício de Tântalo, ou ainda da tentativa de voo de Dédalo e de Ícaro — não obstante alguns deles estarem já no domínio do concreto, vejamos, por exemplo, a aviação. Em todo o caso, dá-nos jeito utilizarmos figuras dos mitos actuais, como sejam, os bébes que vêm das cegonhas; os «homens do saco ou das barbas» e ainda o polícia, como seres que obrigam as criancinhas a comer tudo... E que dizer das consultas que macissamente são feitas às publicações periódicas, ou não, que incluem horóscopos nas suas páginas? e as visitas às «bruxas»? ou aos videntes?

Muitos dos seres mitológicos do passado eram a projecção de heróis, de magníficos atletas que realizaram prodígios nas sociedades do seu tempo. Na actualidade, as figuras mitológicas também vão aparecendo, como heróis de armas e desportistas de mérito. Para não falar em personalidades estrangeiras, basta-nos nomear, a título de exemplo, os mitos portugueses como Joaquim Agostinho, no ciclismo; Eusébio, no futebol; Carlos Lopes, no atletismo; Manuel dos Santos na tauromaquia.

Os mitos não são mais do que o invólucro que abarca a realidade, numa tentativa de a fazer ressaltar. Podem ser comparados aos trajos de fantasia carnavalescos que são vistosos, são cintilantes, são vaporosos, dão nas vistas, mas não prescindem da pessoa, real e concreta, que lhes confere forma e movimento.

Mito não se opõe à Realidade. Procura explicá-la usando, é certo, por vezes, uma linguagem do domínio da fantasia; mas, não será a própria fantasia um elemento concreto da realidade da vida?

Águia Dourada

CAMPANHA DE NOVOS ASSINANTES DO TEU JORNAL

NOME: _____

MORADA: _____

_____

CÓDIGO POSTAL: _____ Telf.: _____

ENVIAR PARA:

SEMPRE PRONTO

TRAV. DAS GALEOTAS, 1
1300 LISBOA

* MAIS INFORMAÇÃO — MAIS JOVEM — MAIS AVENTURAS — MAIS ESCOTISMO

COLABORA, FAZENDO JÁ A TUA ASSINATURA



CRIANÇAS SUJEITAS A MAUS TRATOS

A Sociedade Portuguesa de Pediatria, divulgou as conclusões da reunião «A criança maltratada», onde é revelado que em Portugal 6000 crianças sofrem maus tratos, 23 mil são negligenciadas e mil são vítimas de abusos sexuais.

Nos primeiros dois anos de vida, as crianças são mais atingidas, embora bastante vulnerável seja também o grupo etário dos seis aos 10 anos.

Em Portugal há 15 mil crianças em risco, atendendo ao princípio que 50 por cento dos irmãos das crianças maltratadas são susceptíveis de receber idêntico tratamento.

Das conclusões do relatório, extrai-se ainda que são factores de risco, famílias em crise ou em ruptura, alcoolismo dos pais, crianças não desejadas, pais maltratados na infância e recém-nascidos separados dos pais.